

Portuguese. O nome Vímara é de origem germânica, possivelmente de etimologia celta, e é de origem incerta. A sua origem é debatida desde o tempo dos romanos, os quais, ao invadirem a Gália, encontraram os povos celtas que viviam no território da actual Galiza, que se dividiam em gálicos e celtas. Os celtas eram chamados por Roma de Brigantes, e os gálicos de Astures. Os Astures eram os primeiros a resistir à invasão romana, e foram derrotados por Cesar em 39 a.C., quando fundou a província da Galécia. O nome Vímara é de origem celta, e é de etimologia incerta.

SOBRE O ANTROPÓNIMO VÍMARA

Antes de iniciar as anotações onomásticas sobre o nome pessoal Vímara, convém ter presentes algumas abreviaturas bibliográficas:

Bol. Cul. = Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto;

Colección = Santos Garcia Larragueta, *Colección de Documentos de la Catedral de Oviedo* Oviedo 1962;

CP = *Corpus Codicum Latinorum et Portucalensium Portucale* 1899;

Dic. Cor. = Américo Costa, *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*;

Dipl = *Diplomata et Chartae (Portugaliae Monumenta Historica)*;

DMP = *Documentos Medievais Portugueses*;

ELH = *Encyclopédia Lingüística Hispánica* Madrid a partir de 1960;

ES = Fr. Henrique Flórez, *España Sagrada*;

Espasa = *Encyclopédia Universal Ilustrada Espasa-Calpe*;

GEPB = *Grande Encyclopédia Portuguesa e Brasileira*;

Inq = *Inquisitiones (Portugaliae Monumenta Historica)*;

Leges = *Leges (» » »)*;

NG = Joseph M. Piel, *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa* Lisboa 1936 e 1945;

OM = A. A. Cortesão, *Onomástico Medieval Português* Imprensa Nacional de Lisboa 1912;

RL = *Revista Lusitana*.

Vimar = Vimaranis Monumenta Historica.

Os nomes citados são antropónimos; no caso de serem topónimos, são precedidos de t.; número a seguir a um nome indica a sua data documental.

I) TERMINAÇÃO, USO E REPRESENTAÇÃO TOPONÍMICA DE VÍMARA

Não deve causar estranheza ser masculino um nome como *Vimara* (de Vímara Peres), já que muitos outros casos mais abundam como *Anderia* 1008, bispo *Ara*, *Aldia* 939 etc. (*Bol. Cul. XXIV*. 111), dado ser essa a terminação típica dos nomes masculinos góticos (*NG* 60), quando em suevo e românico o masculino já é em -o (-us) (*NG* 65, 72, 212; *ELH* I. 430). Daí aparecer o masculino com dupla terminação: *Erinias* 1033 e *Erinius* 1081, *Cendas* 906 e *Cendus* 933 e *Zendo* 1043, etc. (*Bol. Cul. XXIV*. 111) e assim ao lado de *Vimara* 867-912 aparecer *Guímarus* 1009 (*OM*).

Do genitivo *Vimaranis* (subentendendo - se «villa» ou equivalente, quase sempre omitido por ser muito usado) procedem as diversas terras denominadas *Guimarães* (*Dic. Cor.*) em Portugal (cfr. a forma *Uimaranes* já em 931-950: *OM*):
a) cidade de Guimarães;

- b) lugares de: S. Marinha do Zézere — Baião;
Freixo — Amarante;
Perosinho — Gaia, «Vimaranes» 1080 (*Dipl* 347) e
«Gujmaraes» (*CP* I. 176);
Ranhados — Viseu;
France — Viseu;
Chãs de Tavares — Mangualde, «Vimaranis» e
«Guimaraes» 1258 (*RL XXXV*. 121);
c) lugar de junto de S. António dos Olivais — Coimbra
(*GEPP VI*. 405), «Vimaranes» 1179, 1190 (*Congresso do Mundo*

Português II. 456 e 459 Lisboa 1940), 1165 e 1198 (*Biblos* X. 643, XI. 284);

d) outro lugar «Guimaranes» em 1106 na região da Serra da Estrela (D. Fernando de Almeida, *Egitânia — História e Arqueologia* Lisboa 1956 p. 294);

e) antigo lugar «Vimaran» 1258 (*Inq* 585) na zona de Penafiel ⁽¹⁾ < acus. *Vimarane(m). Como variante há «filius Petri Johannis lactis Vimuran» 1258 (*Inq* 565) na zona de Paços de Ferreira.

Quanto a Espanha (*Espasa, Diccionário Corográfico de España*) — Galiza e Catalunha —, as formas correspondentes apresentam as diversas evoluções da terminação -anis:-anes,-ans,-ás e -á (embora geralmente esta última represente ane):

a) *Guimaraes* e *Guimaráns*: lugares de:

San Mamed de la Canda — Piñor — Orense;

San Miguel de Cabanas — la Baña — Coruña;

San Pedro de Bugallido — Ames — » ,

Ordoeste — la Baña — » ,

Carcacia — Padrón — » ,

Ribadulla — Vedra — » ,

San Pedro de Batallanes — Nieves — Pontevedra;

(¹) Dado o não-uso do genitivo no sul de Portugal (por ser fenómeno típico da Reconquista, época em que abundam os antropónimos germânicos), é muito possível que *Guimarães* de Lisboa, S. Pedro da Cadeira — Torres Vedras tenham outra origem, talvez, algum apelido homônimo que de resto tem uma origem geográfica. O nome *Guimareira* duma serra da Estremadura (*Dic. Cor.*) deve filiar-se em Vimara/Guimara, do mesmo modo que outros nomes geográficos do Sul terminados em -eira e cujos radicais correspondem a nomes de terras nortenhais aludindo por isso a um fenômeno de colonização: cfr. *Gosundeira*, *Godinheira* (*RL* XXIV, 211), *Sendieira*, *Sevilheira*, *Martinheira*, *Guisandaria*, *Labrujeira*, *Gondomaria*, *Sandoeira* (*GEPB* apêndice s. v. Azueira, Bensafrim, Cadafais, Alenquer; Vila p. 696). *Guimaroa* de Covelas — Póvoa de Lanhoso (*Dic. Cor.*) e de Cachoeiras — Vila Franca de Xira (*GEPB* apêndice s. v. Cachoeiras) lembra o caso de *Brandoa* fem. de *Brandão* (*NG* 52), isto é, de *Vimaranem/Guimarão, *Mirom* 1077 e *Miroa* 1018, *Simão* e *Simoa*, *Egilo* e *Egilona*, *Anssalone* e *Ansalonma*, *Pedrona* (*Bol. Cul.* XXIV, 116). A partir de *Vimarane(m), *Vimaram formou-se *Vimaranus* (*ES* XL, 393; = *Guimarão) à semelhança de *Froja-Frojam-Frogianus*, *Attane* e *Atanus*, *Froila* e *Froilanus*, *Arias-Ariam-Arianus* (*Bol. Cul.* XXIV-20-21), *Requillanus*, *Manillanus* (*ES* XIX-378,382), etc.

b) *Guimarás*: lugares de:

Cerdeiras — Begonte	— Lugo,
Corgo — Corgo	— » ,
Muras — Muras	— » ,
Paz — Otero de Rey	— » ,
Mato — Pantón	— » ,
Francos — Paradela	— » ,
Árbol — Villalba	— » ,
Allariz — Allariz	— Orense,
Esgos — Esgos	— » ,
Corneda — Irijo	— » ,

c) *Guimerá* há em Castellón e outro em Lérida que era *Guimeranis* em 1038, *Guimaranis* em 1086 e *Guimerá* já em 1172 (*ELH* I. 559 nota 63).

O lugar de *Guimarães* da antiga freguesia de S. Salvador da Gandra — Penafiel (*GEPB XXVII.* 623) deve ter outra origem antropônimo-goda, dado ter a forma antiga «Goamaraes» no século XIII, vindo a ser o mesmo (quanto ao nome e até quanto à terra) que *Gomarães* adiante citado.

O t. (*Espasa*) San Esteban de *Guimarán* (Carreño — Oviedo) deve continuar a forma acusativa do caso geral românico *Vimarane(m).

Na verdade, quase escusado será advertir que não é fundador de todas estas terras o mesmo indivíduo por ex. Vímara Peres, já que muitas outras pessoas também usaram o mesmo nome, pelo que para cada caso deverá fazer-se uma inquirição monográfico-histórica. Por isso é que as diferentes terras galego-portuguesas denominadas *Gondomar* não podem, só pela razão do nome, atribuir a sua origem ao rei visigodo Gundemaro.

Como se pode ver da documentação medieval e da topónima consequente, era bastante usado o nome pessoal Vímara / Guímara. A evolução fonética V-/G(u) - em posição inicial, observada nos citados t. *Guimarães* de Coimbra, Gaia e Mangualde e até a respeito do mesmo indivíduo como é o caso de «Annaia Vistrariz» e «Annaia Guistrariz» (*Biblos X.* 143), é

um facto vulgar na antroponímia hispano-goda (*OM*): *Vilémirus* 959 e t. *Guilamiro* 1258, *Veta* 959 e *Gueta* 1058, *Vilifonso* 938 e *Guilifonso* 1220, *Vizoi* 973 e *Guizoi* 1057, *Viliulfus* 981 e *Guilufiz* 1220. Este facto fonético estendeu-se também a termos românicos: *vorace / goraz*, *vomitar / popular gomitar*, *vulpecula / golpelha*, *vastare / gastar*, *vadum / italiano guado*, *vespa / francês gué* (José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* 5.^a edição pp. 89-90; Édouard Bourciez, *Éléments de Linguistique Romane* 4.^a ed. Paris 1956 p. 164; C. H. Grandgent, *Introducción al Latin Vulgar* Segunda Edición Madrid 1952 p. 213; Heinrich Lausberg, *Linguística Românica* tomo I Madrid 1965 p. 312). Carlo Tagliavini, *Le Origini delle Lingue Neolatine* Bologna 1962 p. 200 n. 65 refere o mesmo fenómeno no árabe e línguas indígenas americanas.

II) ESTRUTURA DO NOME PESSOAL VÍMARA

1.^º — *Vi-mára?*

J. M. Piel, tendo-se referido (*NG* 179) a uma suposta etimologia Wig-mar, para Vímara (de *Weig «duta», cfr. antigos inglês e saxão, antigo alto alemão *wig* «duta» e * *marha* «cavalo», cfr. antigo nórdico *marr*, saxão arcaico *mearh*, alemão moderno *mähre* «cavalo», vide *NG* 36 etc. e *ELH* I. 434), acabou por abandonar essa ideia (*NG* 302) ao verificar que esse primeiro elemento está vocalizado (na parte final) em Vigi de nomes como *Viginandus*, etc.: «*Weig – «duta», étimo que já postulámos, embora com menor convicção, para alguns nomes que principiam por Gui – ». O mesmo autor notou que tal falta de vocalização nos nomes germânicos peninsulares, só costuma dar-se «cuando el primer elemento termina em *l*, *r* o *s*, empezando el segundo com *v*, *f*, *r*, *m*, *n*, o *g*» (*ELH* I. 431).

O primeiro elemento Vi/Gui existe e ascende naturalmente a *Weida «guia» (*NG* 301) ou preferivelmente a *Widus «madeira, bosque» (*NG* 298, 173). Este segundo étimo foi firmemente estabelecido pelo autor no seu estudo *Nombres Visitados de Proprietarios en la Toponimia Gallega* (in *Homenaje a Fritz Krüger* vol. II Mendoza 1954 pp. 247-268) ao tratar dos topónimos *Gueimonde* (equivalente ao português *Guiamonde*), *Guieiro* e *Guiar*, *Guiende* e *Guende*, explicáveis pelos nomes pessoais *Vida-mundus, *Viduarius*, **Vidinandus*, cfr. *Vidimer*, *Vidiricus* (*ibidem* p. 256), *Guisenda* (*ES* XL. 383), *Guifredo* (*ES* XXVIII. 78). Assim um antropónimo *Vidi-marus pode explicar o nome geográfico *Guimar* de Frontioso — Burgos (*Espasa*), ribeiro de *Guimar* afluente do Távora (*GEPB* XXVIII. 439) e (com a terminação -a, provavelmente feminina, dado ser -márus a forma usual nos nomes de possessores, havendo casos claros de femininos: cfr. «hereditate de tia bellita» 1077 *Dipl* p. 334 e t. «Gondemira» 1258 *Inq.* 429) os t. San Pedro de *Guimara* de Burgos (*Espasa*) e *Guimara* de Peranzanes — León (*Espasa*, *Diccionario Corográfico de España*), comparáveis ao t. *Azumara* (*ES* XVIII. 328) cujo primeiro componente lembra os antropónimos *Azilanem* 961 (*ES* XIX. 369), *Azo Vimarizi* 987 (*Revista Portuguesa de História* III. 300), *Ennecus Azenari* (*Colección* 98). O nome pessoal *Vidi-maro/*Gui-maro é o mesmo que o de S. *Guitmaro* do séc. VIII Normandia (Omer Englebert, *Vidas de Santos* vol. II) e *Guimara* e *Guimar* antropónimo feminino (Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa* Lisboa 1928 pp. 22,57-58), notar em 1258 «Guyomar» e «Dompne Guymar» (*Inq.* 476 e 545) e que José Joaquim Nunes (*RL* XXXIII. 7) comparou com os alemães *Widemar*, *Widukind*, cfr. ainda *Widberhts* / *Guitbertus*, *Widfrithus* / *Guitfredus*, *Widgildis* (Ernst Gamillscheg, *Romania Germanica* I. 324 ed. de 1962). *Vidi-mirus explicará *Guimiro* 958 (*OM*) que está na origem do t. *Guimil* de Longos Vales — Monção (*Dic. Cor*) e Léon, Lugo (*Espasa*). Um nome como *Uimareu* 938, de *Uimaredo* (*OM*) já documenta o emudecimento do -d- intervocálico em pleno século X.

* * *

Como é sabido, os nomes geográficos baseados em nomes pessoais germânicos formados com o segundo componente *-márus* são paroxítonos como se vê das suas sobrevivências toponímicas oxítonas em *-már* (do genitivo-*mári*) a seguir referenciadas além dos citados *Guimar*, *Guimara*:

- a) t. San Benito de *Golmar* — Maracha — Corunha (*Espasa*). Cfr. Petrus *Gulmariz* (*ES* XLI. 315) que evoca Petrus *Gulmiriz* (*Vimar* 185).
- b) t. San Benito de *Gondomar* — Gondomar — Pontevedra, aparecendo a forma simples *Gondomar* mais duas vezes na mesma província (*Espasa*). Em Portugal (*Dic. Cor.*) aparece em S. Pedro — Tarouca, Ínsua — Penalva do Castelo, Vandoma — Paredes, Remoães — Melgaço, Cunha — Braga, Arentim — Braga, Lama — Barcelos, Vila Verde, Guimarães e Gondomar (perto do Porto). Todas estas terras se referem ao nome pessoal *Gundemaro* 980 (*OM*).
- c) t. San Juan de *Valdomar* em Begonte — Lugo (*Espasa*) e em Cuntis — Pontevedra, Nogueira de Ramuín — Orense, La Peroja — Orense (*NG* 295). Em Portugal temos (*Dic. Cor.*) *Valdomar* em Gondufe — Ponte do Lima, Refojos — S. Tirso, Joane — Famalicão, e a variante *Valdemar* em Rande — Figueiras e Ordem — Penafiel. Cfr. Baldemarizi 1070 (*OM*), *Valdemarus* (*ES* XVI-427).
- d) t. *Ansemar* — Castro de Rey — Lugo (*Espasa*). Pertence à série dos nomes pessoais Ansemirus 973, Ansemundo 928, Anserigu 1010, Ansoredo 1016 etc. (*OM*).
- e) t. Santa Maria de *Germar* — Cospeito — Lugo (*Espasa*). Cfr. toponímicos antropónimos *Germil* e *Germunde* (*NG* 137-138).
- f) t. *Guixomar* também *Quixomar* Geraz do Minho-Póvoa

de Lanhoso (*Dic. Cor.*), em 1220 «Guisamar» (OM); t. «Guecemar» 1112 (DMP III-356), «Gueceimar» era de 1150 (João Pedro Ribeiro, *Dissertações cronológicas e críticas IV* Lisboa 1819 Aditamentos p. 6) hoje *Gaçamar* em Sandim — Gaia (*Dic. Cor.*). Quanto ao primeiro elemento cfr. t. Santa Maria de *Guizán* Pontevedra e t. Santiago de *Gueizán* Lugo e t. *Guizamonde* Orense (*Espasa*), *Quizamondo* (DMP III. 362), *Gunsalvo Vezemundiz* era de 1194 (João Pedro Ribeiro, *ob. cit.* III Lisboa 1813 p. 51), *Guizoi* 1057 e variante *Uixa-uara*, *Uizoi* 908 (OM), cfr. ainda t. *Uezerei* (*Vimar* 183). Parece ser doutra base o t. *Queixomil* (NG 231).

g) *Armamar*, «Hermamar» em 1258 (*Inq.* p. 1086). Cfr. antropónimos *Hermesinda* 1039, *Hermieiru* 1099, etc. (OM).

h) *Lomar* Braga, «Lodomari» em 1080 (P.^o Avelino de Jesus da Costa, *O Bispo D. Pedro E A Organização Da Diocese De Braga* vol. II p. 64), de Leodemaro 1037 (OM).

i) *Ermal* na região de Vieira do Minho, outrora «Hermar» (GEPB s. v. Vila Boa 358), lembra o citado *Armamar*, isto é, «ermiario» 1099 (*Dipl.* 538) ou «hermario» 1258 (*Inq.* 717 e 732) ou o t. *Erimar* (ES XX125) comparável aos nomes pessoais *Erias* 1063, *Ersenda* 1059, *Erigio* 1067, *Ero* 922 (OM).

j) Piel (NG 126) acrescenta t. *Galamares* Sintra, t. «*Galamar*» (*Leges* 385), que lembra *Galamirus* (*Vimar* 64), além dos t. galegos *Adromar*, *Estremar*, *Aramar* etc. (ELH I-556).

A este elenco se adicionarão possivelmente «arogium de *Friomar* 1136 (*Chancelarias Medievais Portuguesas* I. 89), t. «*Nantomari*» (*Vimar* 59), «curtem *Anaemaris*» (ES XX. 61). O t. *Romar* Corunha (*Espasa*) deve referir-se não a nomes em - marus mas a *Rrom-ario* 974 (OM).

Como se vê da série referida, os nomes em -marus usam o genitivo - mari e não - maranis / -marāes, fora o caso, demais isolado e por conseguinte de natureza tabeliónica ou analógica, de «nepotum Pelagii *Mar-an-iz*» 1258 (*Inq* 630). Os casos de t. *Roçomarães* de Sande — Guimarães, outrora «*Russumaraes*» (*GEPB* XXVII. 30) e t. *Tomarães* de Cabeceiras de Basto, outrora «*Tomarees*» em 1172 (*GEPB* s. v. Tomarães) e cognato de «tomistanes» (*Vimar* 50) comparável pela terminação ao t. galego *Fromistán* (*Revista Portuguesa de Filologia* XII. 212), devem referir-se não a genitivos mas a *plurais étnicos* o tipo (em - anes / -äes (*ELH* I. 550) de **Recimarus* (cfr. Recemundo 961, Recesindo 936, Recemiro 980: *OM*), Teode-maro (nome usado por ex. pelo conhecido monje Teodemaro, do Monte Cassino no século XIII: *Espasa*). O carácter *pluralizante* nota-se até pela sua coexistência com o próprio genitivo em -i como se vê dos duplos toponímicos: *Romariz* — *Romarigães*, *Recarei* (*Recaredi*) — *Recardães*, *Guilhade* — *Guilhädães*, *Segade* — *Segadães* (*NG* 249, 238-239, 175-176, 263), *Villager-monde* (*Espasa*) e «argemundanes» (*Leges* 545).

Ora o facto de os nomes em -marus (a cujo grupo Wig-mar pertence) fazerem o genitivo em - mari (donde t. em - mar) quando Vímara é em - anis / äes, anes, ans, ás, indica que são nomes etimologicamente estranhos. Uma forma genitiva (se não for *Vidi-mari) como «*Donni Guimari*» (*Vimar* 304) é simplesmente latinismo tabeliónico bem como estoutra «*Donni Guimare*» (*Vimar* 332).

Além disso, as sobrevivências toponímicas de Vímara (no nominativo) indicam, de acordo com o facto da usual persistência do acento tónico na mesma sílaba, que não é paroxítono

(Vimára) como os nomes em -marus mas sim esdrúxulo (Vímara), pelo que mais uma vez se deduz que Vímara nada tem com os nomes em -marus (inclusive Wig-mar, *Vidi-maro ou Guitmaro), o que leva a pôr de parte a decomposição Vi-mára. Eis os dados topomásticos:

- a) Joaquim da Silveira em 1935 (*RL XXXIII*. 266) relacionou o nome *Deguimbra* duma serra do distrito de Coimbra (com a preposição *de* a seguir a um apelativo subentendido como *casa*, etc.: cfr. A de Garsea, Delvira, etc.) com Vímara / Guímara, donde deduzia a pronúncia esdrúxula do vocábulo. Em 1940-43 (*RL XXXVIII*. 294-295) relacionou t. *Quimbres* (Coimbra) e t. *Guimbres* (Póvoa de Varzim) com o patronímico do mesmo nome pessoal, acrescentando factos onomásticos abonatórios da alternância C (Q)-G em posição inicial: *Consálbiz-Gonçalves*, *Quedazi-Guedaz* (*Uetazi*), *Quizoi-Guizoi* (*Uizoi*), *Carcia-Garcia*, *Cotierre-Goterre*, tendo na pág. anterior citado t. *Quetriz* (Pinheiro-Oliveira de Frades) que era *Gueteriz* em 1258, t. *Contumil* (Porto) que era *Gontimir* no séc. XIII, t. *Contige* (Vila da Igreja-Sátão) que era *Gontigi* em 1258, t. galego *Guitiande* relacionado com *Vicenando* ou *Ketenando*. Mais exemplos (*OM*) a confirmar a parilha *Vímara* 867-912 e *Químara* 1086 e *Quimaraci* 1086 (*OM*): *Uiliulfiz* 959, *Guilufiz* 1220 e *Quilufiz* 1096; *Vestremiro* 987 e *Questremiro* 1003; *Vedragildu* 1032 e *Quedregildiz*; *Quiarigo* séc. XI e *Guiario* 1090; *Qualauara* 1068 e *Galamiro* 985; *Uisando* 950, *Quisando* 1032 e t. *Guisandi* 1220; *Vinili* 973, *Guinilli* 874 e *Quinilli* 870; t. *Guetim* que era *Quetim* em 1025 (*Bol. Cul.* XXIV. 147), t. *Guidones* 1258 (*OM*) e t. *Quidores* 1076 (*Dipl.* 326), *Guandila* 961 e *Quandila* 984 (*OM*), citados t. *Quixomar* e *Guixomar*. Notar ainda os topónimos *Quistilán* Corunha e *Guistilán* Léon (in citada *Homenage...* p. 262). A vacilação V/G-C (Q),

tão característica da onomástica hispano-goda, e a terminação *-es* geralmente patronímica (fora dos casos de *-as / -es* como *Laurias / Loures* etc., cfr. *Revista Portuguesa de Filologia* VIII. 37) reforçam a referida etimologia antroponímica.

- b) J. M. Piel (*NG* 179), citando (como paroxítono) o t. *Guimara* de Cantanhede, escreveu: «Existe a variante *Guimbra*, com supressão do primeiro *-A-*, que não sei explicar bem», porque implicava uma dupla (e por isso inaceitável) pronúncia: Vimára e Vímara. Mas, segundo nos informou uma pessoa da freguesia de Cadima a que pertence o dito topónimo de Cantanhede, no século XIII «casal de Guimara» (*Congresso do Mundo Português* Lisboa 1940 vol. II p. 454), a pronúncia local é *Guimara* (e não *Guimara*), o que vem em abono da pronúncia esdrúxula já deduzida na alínea anterior.

Além disso, verificámos que t. *Guimbra* de Moimenta — Sinfães (*Dic. Cor.*) era «Guimara» em 1258 (*Inq.* p. 953) e na mesma data o t. *Guimbra* (também dito *Guimara*) da zona de S. Martinho de Mouros — Resende (*GEPB* XXV. 224 e XXVII. 493; *Douro Litoral* III, 1941, p. 59) tinha também a forma «Guymara» (*Inq.* p. 991, cfr. p. 994: «focaria de Guymara»). Assim, t. *Guimbra* é uma formação nominativa do tipo das expressões: «casalis de cersario et de Uimara» (*Vimar* 13), «hereditate de Vimara» (*Dipl.* p. 564), «casa de Vimara» 1113 (*DMP* III.376), «casal de Guimara» 1258 (*Inq.* 385, 438), «erdade de Guimara Requiat» 1258 (*Inq.* 391, 406). Da mesma etimologia deverá ser o t. *Guimbra* de Argela — Caminha, Rio Frio — Arcos de Valdevez, Ourilhe — Celorio de Basto, Torgueda — Vila Real, Louredo — S. Marta de Penaguião, Borba de Godim — Felgueiras, Rebordosa — Paredes, Anta-Espinho (*Dic. Cor.*), série que, condizendo na área com a da forma genitiva

Guimarães, mostra bem a popularidade do nome pessoal Vímara / Guímara. O t. *Guimbras* de Cova — Vieira do Minho, S. Silvestre — Coimbra (*Dic. Cor.*) deve referir-se ao patronímico em -aci do mesmo nome pessoal: *Uimarazi* 1080, *Uimaraz* 1043, *Guimaraz* 1220 (*OM*). O patronímico em -ici, cfr. *Vimariz* 1018 (*OM*), *Petro Guimariz* 1258 (*Inq* 383) estará nos citados t. *Quimbres* e *Guimbres*. Notar que a *GEPB* XVII. 519 já registou a pronúncia proparoxítona do t. *Guímara* (Cantanhede) e a relação etimológica Vímara / Guimbra. Notar ainda que em Castela havia «Zellaruelo de Gimara» [= Guimara] cerca de 1038 onde hoje é Venta de *Guímar* (R. Menéndez Pidal, *Orígenes del Español* 4.ª ed. Madrid 1956 pp. 36 e 38).

O t. *Vembra* de Pousada — Braga, a estar relacionado com Vímara (como propõe a *GEPB* s. v. *Vembra*), registaria uma variante rara em e (*Vémara), a qual teria casos paralelos nos usuais nomes em -gildus, -mirus, -(v)igius: cfr. *Sonigildu* 1072 e *Sonegeldi* 949 e *Geldemiro* 1045, *Resemera* 986 e *Resmiruz* 995, *Songimera* 973 e *Songemirus* 850-866, *Sedeges* 960 (*OM*), t. *Franzomil* e t. *Franzomel* Coruña (*ELH* I. 552). Notar t. *San Pedro de Quembre* na Corunha (*Espasa*).

Ao contrário da conhecida persistência das vogais tónicas, as vogais átonas estão sujeitas a modificações, o que se revela na pluralidade gráfica documental: cfr. formas (*OM*) *Uegilaz* 1058 e *Uegela* 965 (i-e), *Sindia* 1088 e *Sindea* 1070 (i-e), *Kintilaz*-*quintalaz* (i-a: *Biblos* IX. 528, 531), *Lazaro* e *Lazoro* 999 (a-o), t. *Tauara* 1059 no séc. XV *Távora* (*OM*). Ora também a par de *Vímara* 867-912 aparece *Uimera* 1092-1098 (*OM*), *Guimera* (*ES* XXVIII. 251), «*Vimora Froylaz*» (*ES* XVIII, 314) e citado nome «*Vimurano*».

2.º — *Vím-ara*.

O carácter esdrúxulo de Vímara faz pôr de parte até uma estrutura Vim-ára, apesar da existência de nomes em Vim-

(como veremos) e elemento *ara* «águia», cfr. antigo alto alemão *aro* e alemão moderno *aar* «águia» (*Revista de Guimarães* LXIII. 149), elemento bastante documentado no onomástico peninsular: bispo *Ara* de Lisboa séc. VII (P. Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal* 2.ª ed. Lisboa 1948 p. 97), *Araldiz* 1059, *Arias* 773, *Arosinda* séc. XI, *Arulfus* 957 (*OM*). Parece ser segundo componente dos topónimos:

- a) *Brandara* Ponte de Lima (*NG* 51), já nessa forma em 1258 (*Inq.* 348) cfr. *Brandergo* 973, *Brandila* 915 (*OM*);
- b) *Guitara* Lugo (*NG* 51), cfr. *Vite-mirizi* 1034 (*OM*);
- c) *Gomarães* outrora «Goamaraes» (*GEPB* apêndice s. v. *Cabeça Santa* p. 158), cfr. *Goandinus* 1002 e t. *Goamir* 1220 (*OM*). Possivelmente plural étnico de **Godemaro* (cfr. *NG* 152) cfr. *Godmaro* e *Gomaro* (*Colección* 189); a mesma vogal *a* de ligação entre os dois elementos aparece no citado t. «*Hermamar*», t. «*Baldamar*» 1220 a par de t. «*Baldomar*» 1258 (*OM*).
- d) *Bitarães* Paredes, cuja forma antiga «*Pitaraes*» (*GEPB* apêndice s. v. *Bitarães* p. 55) lembra o caso de *Barro-sende* outrora *Berosendi* 1220 e *Perossendi* 1258 (*Bol. Cul.* XXIV, 147); cfr. *Beterigu* 938, *Betoy* 1258 (*NG*. 48).

Por conseguinte, só uma estrutura Vím-ara é viável em face da referida pronúncia proparoxítona. O primeiro elemento Vím - consta efectivamente da antropónimia hispano-goda:

- a) *Vima* 1032 (*OM*), que deve estar no t. *Guimá* de La Figuera — Tarragona (*Espasa*) < *Vimane(m); a expressão «montem qui vocatur *Guima*» (*CP* I. 253), dado aparecer na forma «montem qui vocatur *Guina*» (*Inq.* de 1258 p. 492), deverá aludir antes ao nome pessoal *Gugina* ou *Gogina* (*Colección* 103-104), evoluindo em *Goina* 1024 e *Guina* 1083 (*OM*). O antropó-

óbito o nimo germânico *Wimo* sobrevive (A. Dauzat et J. L. J. Ch. Rostaing, *Dictionnaire étymologique des noms de lieux en France* Paris 1963 s. v.) nos t. *Guémy* Pas de Calais (*Gimiacum* sec. XI), *Vimy* de Pas de Calais (*Wimmi* em 1153) e de Aisne (*Wimi* em 1138) e talvez em t. *Vime* de Sanabria (*Espasa*).

- b) *Vimaredo* 957, *Uimareu* 938, *Guimareo* 1220 (*OM*), em que assentam os t. *Guimarei* (Fregim-Amarante, S. Tirso) (*Dic. Cor.*) e t. *Guimarey* Corunha, Lugo (5 vezes), Pontevedra (2 vezes), Orense, além de *Guimareu* Coruña (*Diccionario Corográfico de España*).
- c) *Guimarigus* 951 (*OM*), com o usualíssimo elemento germânico rieu/rigo, deve estar contido no t. Santa Maria de *Guimariz* (*GEPB* XXII. 972) e certamente em t. *Guimbriz* (*Dic. Cor.*) de Terroso — Póvoa de Varzim (o mesmo que citado *Guimbres*? Acaso será este uma má transcrição?) cuja pronúncia «oxitona» (*GEPB* s. v. Terroso p. 502) o exige, ficando assim satisfeita em parte a exigência do Sr. Dr. Piel (*NG* 179): «O que admira é que se escreva sempre Guimarães, e nunca, anàlogamente a Guimbra, *Guimbrães». A evolução m'r/mbr lembra os casos de câmara/popular *cambra*, *háimerus/ombro*, *tomo/tombo*, etc. (Rodrigo de Sá Nogueira, *Tentativa de Explicação dos Fenómenos Fonéticos em Português* Lisboa 1941 pp. 137, 171-173).
- d) *Guimandus* 936 (*OM*). Quanto ao segundo elemento efr: *Andila* 1063, *Anderia* 1008, *Andulfo* 957 (*OM*) e *Bretandus* comparável a *Bretario*, t. *Restande* comparável a t. *Restriz* (*Bol. Cid.* XXIV. 126), t. *Requiande* Lugo (*Espasa*).
- e) *Vimallario* (*ES* XL. 367) cujo segundo componente aparece em t. *Tualari* 936 cognato de *Tuedus* 967 (*OM*), t. *Gandalari* 1014 (*OM*), t. *Vandalar* (*ES* XLI. 332) cognato de *Vandila* 950 (*OM*), *Lareigus* (*ES* XL. 338), *Larinus* (*ES* XXVII. 341).

f) *Vimarasius* (*ES* XIX. 403) lembra *Letasia* 908 (*Revista Portuguesa de História* III. 230) cognato de *Leto* 1098 (*Dipl* 527) e «domni *Letaldi*» 1099 (*Dipl* 543).

O t. *Guimarece* de Ansede - Baião (*Dic. Cor.*) parece postular um antropónimo cujo segundo elemento deve ser o mesmo de *recarecis* 773 (*OM*). O t. *Guimaré* de Sá-Monção (*Dic. Cor.*) e de Zamora (*Diccionario Cor. de España*) supõe outro nome pessoal em Vim. O t. *Guimarantinhos* de Chãs de Tavares-Mangualde, idêntico a *Vimaranzinus* de 1059 hoje *Grimancinhos* em Barcelos e a *Gujmarancinhos* de S. Marta de Penaguião, os quais lembram *Gujmaranicelos* 1258 hoje *Grimancelos*. Barcelos e *Vimarencellos* de 1128 de Paredes, é um diminutivo geográfico de Vimaranes/ *Guimarães* existente na mesma freguesia de Chãs de Tavares (*RL XXXV*. 121), pois já era *Guimarancios* em 1258; a confusão de c-t na leitura medieval fez, devido à pressão culta, prevalecer erradamente a forma com t (por c) tal como parece ter acontecido também com o antigo t. «*crescemiri*» hoje *Trouxemil* Coimbra (*Bol. Cul.* XXIV. 131).

No tesouro germânico não se encontrou ainda um apelativo adequado para protótipo deste elemento Vim-/Guim - deduzido na antroponímia hispano-goda (*NG* 179); a sugestão de Piel (*ibidem*) de Guim- ser fruto dumha errada decomposição — Guim-ar por Gui-mar — parece pouco viável, dada a natureza esdrúxula do vocábulo e a frequência dos nomes pessoais em Vim-.

Quanto ao segundo elemento átono de Vím-ara, conhece-se sobretudo em nomes pessoais femininos (cfr. J. M. Piel, *Nomes de mulher hispano-godos* in *Estudios dedicados a Menéndez Pidal* tomo VI Madrid 1956 pp. 132-133) o elemento final - (v)ara (ligado ao gótico *Warjan* «estar atento, proteger» e que parece estar no nome *Álvaro*, cfr. *NG* 27), o qual deve ser átono dado haver as variantes gráficas -ora, -ura: *Ilduara* a par de *Ildara* e *Eldora* (cfr. in *OM*: *Elduara* e *Eldura* 1041), *Teodara* e *Teodora* séc. XI, (notar as variantes *Teodevera* ou *Teodeuera*: *Colección*

103-104), *Goldara* e *Goldora* séc. XV, *Senduara* séc. XI, *Uaduuara* séc. IX-X, *Uiflauara* séc. IX, *Radoara*. Outros exemplos: *Adovara* (ES XLIII-413), *Domina Villavaria* (ES XL-406), *Amaluvara* (ES X. 556), domna *Mansuara* (*Colección* 129) o mesmo que *Mansura* 967 (OM) e t. *Mansara* 1258 (OM), *Ildara* 1070 (OM), t. *Ansara* e *Ansera* 1258 (*Inq* p. 904 e 905) que evoca o t. *Ansaroy* 1258 (OM) e t. *Sandarão* de Semelhe - Braga (*Dic. Cor.*)

O facto de - (v)*ara* aparecer muito em nomes femininos não é óbice intransponível à sua aparição em nomes masculinos, tal como inversamente - *ricus*, que, típico de nomes masculinos (NG 230), aparece em alguns nomes femininos como *Toderica* 1009 e *Fromarica* 1009 (citados *Estudios dedicados a Menéndez Pidal* VI. 129). E de facto temos na idade média portuguesa documentados os nomes masculinos «*Ildura presbitero*» 1020 (Dipl 152) que lembra citado *Eldora*, além de «*Indura presbítero*» 1037-1065 (Dipl 279) cognato de *Indiulfo* (ES XIX. 55). Demais, a forma ampliada - *varius* consta claramente de nomes masculinos como *Uario* 1083, *Elduario* 1100 evocativo dos citados *Elduara* e *Eldora* (OM), *Oduarius* (NG 227), *Atravarius* 924 (OM), *Trasvarius* (ES XIX 390). As ampliações aparecem nos nomes pessoais hispano-godos: cfr. Thore-sarius e Sige-sarus, Ledi-vigu e Gont-uigius, Ara e Arias, formas todas fonéticamente reais como se comprova dos seus vestígios toponímicos como Toseiro, Gontige, Aires (*Bol. Cul.* XXIV. 112). Resta ainda saber da pronúncia de *Fragiaro* 922 (cfr. Fragulfi 867-912), *Gondaro* 991 (cfr. Gondulfo 953), *Lacaro* 1043 (todos in OM) cognato de Quintilla *Lacidi* (ES XL. 407), *Altaro* Itunizi (*Colección* 170) cognato de *Altiolfo* (*Revista Portuguesa de História* IV. 19), nomes em que -*aro* deve ser diferente de -*arius* (latinização de *arjis* «exército») que sobrevive toponimicamente nas formas, quer na nominativa em -*eiro* (v. g. *Balteiro*, etc.), quer na genitiva em -*ar* < *arii* (v. g. *Golfar*, *Ansar*, *Baltar*, etc. cfr. NG s. v.). Nos resultados fonéticos, -*uarius* e -*arius*

(*Revista Portuguesa de Filologia* XII. 215-216) acabaram por encontrar-se: cfr. os casos semelhantes de *Freduarius* (*ES* XIX. 337) e *Fredeiro* 907, *Ansuetus* 906 e *Anseto* 1098, *Odario* 907 e *Oduarius* 915, *Eldoigius* 924 e *Eldigio* 1050, *Astrario* 1075 e *Astruarius* 924 (*OM*).

P.^e Domingos A. Moreira